

A close-up photograph of a hand holding a single lit candle. The flame is bright yellow and orange, casting a warm glow on the hand and the surrounding dark space. The hand is positioned in the center, with the fingers wrapped around the candle. The background is dark and textured, with some small white specks visible.

EDGAR A. POE
O demônio da
Perversidade

ADAPTAÇÃO
Renato Massaharu Hassunuma

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

Título original

The imp of the perverse

Conselho Editorial

BIOMÉDICA ESP. GABRIELY CRIVARI DE ALMEIDA LIMA

Especialista em Assistência Dermatológica Especializada pelo Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL)

BIOMÉDICA M.^a MARYANA LOURENÇO BASTOS DO NASCIMENTO

Mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACS

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa

Fonte: Pandit R. Anonymous person with burning candle [Internet]. 2021 Apr 23 [acesso 03 jun 2024].

Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/anonymous-person-with-burning-candle-7627168/>.

Figura registrada como: *Free to use. Attribution is not required.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P743d

1.ed. Poe, Edgar A., 1809-1849
O demônio da perversidade [livro eletrônico] /
Edgar A. Poe; tradução e adaptação: Renato
Massaharu Hassunuma. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal
6, 2025.
PDF.

Título original: The imp of the perverse.
ISBN 978-85-7917-689-0

1. Ficção norte-americana. I. Hassunuma,
Renato Massaharu. II. Título.

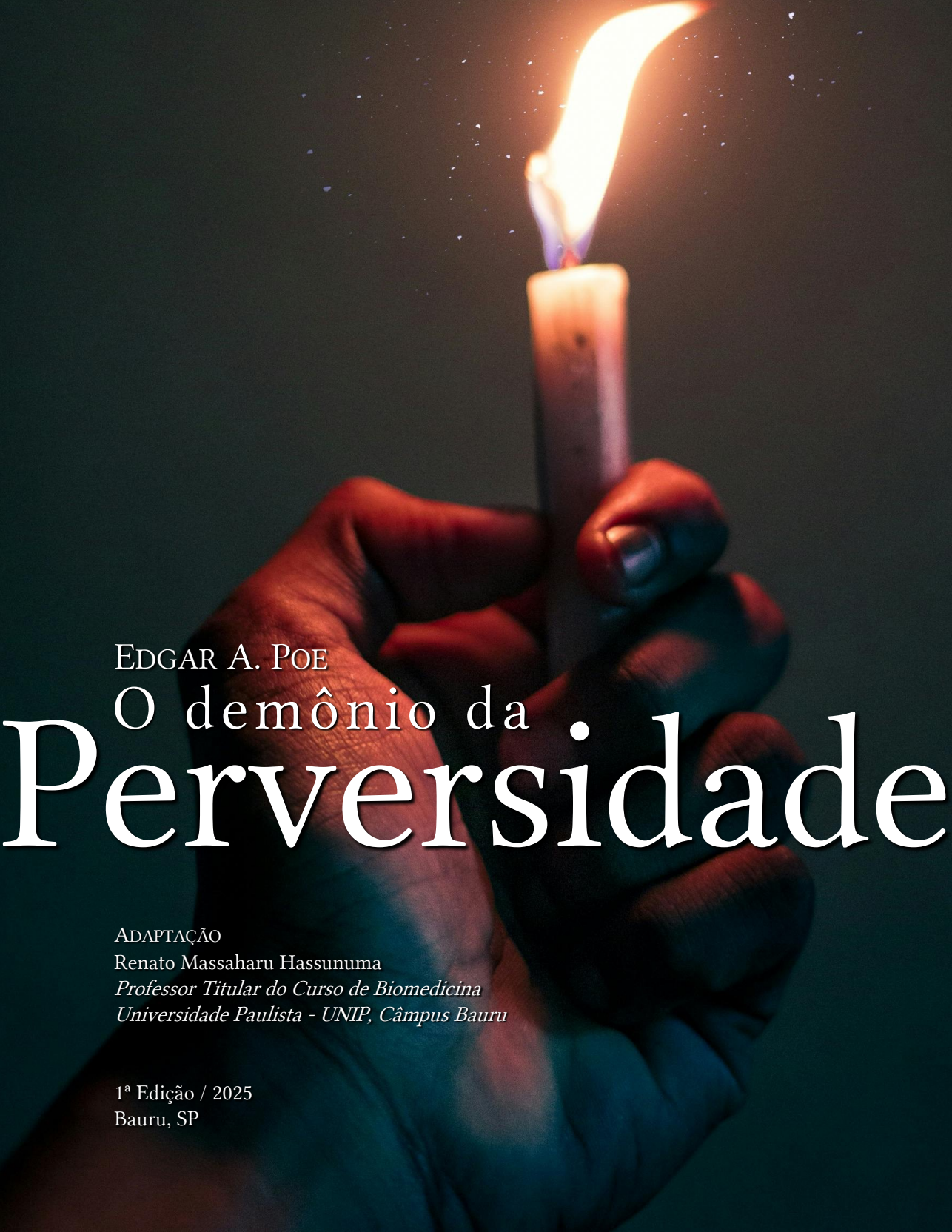
06-2025/63

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

A close-up photograph of a hand holding a single lit candle. The flame is bright yellow and orange, casting a warm glow on the hand and the surrounding dark space. The background is dark and textured, with some small white specks visible. The overall mood is mysterious and dramatic.

EDGAR A. POE

O demônio da Perversidade

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Professor Titular do Curso de Biomedicina

Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru

1ª Edição / 2025

Bauru, SP

AGRADECIMENTOS

Agradeço a ***Biomédica Esp. Gabriely Crivari de Almeida Lima, Biomédica M.^a Maryana Lourenço Bastos do Nascimento e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva***, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradeço o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

APRESENTAÇÃO

“O demônio da perversidade” é um conto do escritor norte-americano Edgar A. Poe que discute a questão dos impulsos autodestrutivos do narrador. Corresponde a uma análise psicológica do comportamento humano que antecipou alguns conceitos utilizados na Psicanálise que viriam a ser teorizados algumas décadas depois por Sigmund Freud e Carl Jung.

Para aqueles que se interessarem por essa história, ficam aqui duas sugestões de leitura em que também temos um protagonista lutando contra seus sentimentos autodestrutivos: os contos **“O gato preto”** e **“O coração delator”**, ambos disponíveis para download gratuito na Canal 6 Editora.

Esta publicação é uma produção científica do **GP15 - Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no [link: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763).

Esta obra teve o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, como parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado **“A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos”**.

Uma boa leitura!

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

A close-up photograph of a hand holding a single lit candle. The hand is positioned in the lower half of the frame, with the fingers wrapped around the candle. The candle is lit, and a bright, yellow-orange flame is visible at the top. The background is dark and textured, with some small white specks. The overall mood is mysterious and dramatic.

EDGAR A. POE
O demônio da
Perversidade

EDGAR A. POE

O demônio da Perversidade

Quando consideramos os elementos primordiais da alma humana, desde as suas capacidades e seus impulsos, existe um sentimento radical, primitivo e irreduzível, que nunca foi reconhecida por frenologistas e sempre foi negligenciada por moralistas. Em nossa pura arrogância da racionalidade, todos nós a ignoramos. Sofremos pela sua existência unicamente por falta de fé. Seja em relação a fé no Apocalipse ou na Cabala. Não conseguíamos perceber a sua existência. Não conseguimos entender a sua necessidade. A maioria das pessoas deve imaginar que seus propósitos sejam ditados por Deus. Assim, Deus, a partir de suas intenções, construiu seus inúmeros sistemas de pensamentos.

Baseado em nossa religião, primeiramente acreditamos que era a vontade de Deus que o homem deveria comer. Então o homem recebeu um órgão de alimento, e esse órgão é o flagelo por meio do qual Deus obriga o homem a comer.

Em segundo lugar, compreendendo que era da vontade de Deus que o homem continuasse sua espécie, descobrimos imediatamente os órgãos reprodutores. E assim imaginamos que cada órgão do corpo humano tenha sido designado pela vontade divina.

É mais certo determinarmos a função de um órgão a partir da atividade do homem, em vez de tomarmos como base o que Deus deseja para nós. Se já é difícil compreender Deus em suas obras visíveis, mais complicado será entender seus pensamentos.

Assim, a perversidade, por falta de um termo mais adequado também pode ser considerado inato ao ser humano. No sentido que pretendo explicar, por meio de seus sussurros, agimos sem um objetivo compreensível ou uma razão. Em certas pessoas, sob certas condições, a perversidade torna-se absolutamente irresistível.

A certeza de qualquer ação errada é muitas vezes a única força invencível que nos impulsiona na perversidade. É uma tendência avassaladora de errar pelo mal. É um impulso primitivo e elementar. Quando persistimos em certos atos é porque sentimos que não deveríamos persistir neles. Nossa conduta é apenas uma modificação daquilo que normalmente brota da nossa vontade de brigar. Mas um olhar mais atento mostrará a falsidade dessa ideia. A combatividade decorre da necessidade de autodefesa. É a nossa proteção contra lesões, nosso zelo pelo bem-estar.

Mas no caso daquilo que chamo de perversidade, o desejo de estar bem é despertado juntamente com um sentimento fortemente antagônico. Essa é uma ilusão que só pode ser respondida pelo coração.

Ninguém que se conhece bem, irá negar a existência da perversidade. Não existe uma pessoa, que em algum momento da vida, não tenha sido atormentado, por exemplo, por um desejo sincero de seduzir um ouvinte enquanto conversam. Quem profere as palavras tem consciência de que ele tem toda a intenção de agradar. Quem falar pode estimular sentimentos àquele que se dirige.

O impulso cresce para ser um desejo, o desejo para uma vontade, a vontade para um profundo arrependimento do falante e, desafiando todas as consequências, vem a verdade. Temos então uma tarefa a ser executada.

Nos momentos de crise mais importantes da nossa vida são necessárias energia e ação imediatas. Somos consumidos pela vontade de começar algo, com a expectativa de que o resultado seja glorioso. Mas não há uma resposta, a não ser que nos sentimos perversos, no sentido estrito da palavra.

A cada dia que passa, a ansiedade por contar a verdade aumenta. O momento de ação se aproxima. Neste conflito, até agora foi a sombra que prevaleceu e assim lutamos em vão. O relógio bate as horas e é um nó no coração. É um fantasma que nos atordoa.

Quando o sentimento desaparece, somos livres. Mas aquela velha sensação sempre retorna. Tentamos trabalhar nossas emoções, mas infelizmente, é tarde demais! É como estar à beira de um precipício. É como olhar para um abismo. Sentimos uma vertigem. E por isso, nosso primeiro impulso é recuar do perigo, mas inexplicavelmente permanecemos no mesmo lugar. Aos poucos, esses horrores se fundem em uma nuvem inominável de sentimentos. Aos poucos, essa nuvem ganha forma, cresce cada vez mais, e ainda assim é apenas um pensamento. É apenas uma ideia que envolve imagens horripilantes e repugnantes de morte e sofrimento. E é por essa razão que nossa mente nos afasta violentamente da beira do abismo, e, por isso, nos aproximamos dela de forma cautelosa.

Se não houver um braço amigo para nos controlar, mergulhamos no abismo e somos destruídos. Esses sentimentos são resultantes unicamente do espírito da perversidade.

Já falei de mais. Preciso explicar por que estou aqui, para que possa entender onde quero chegar. Desculpe-me por ser tão prolixo, mas não quero que você me entenda mal ou ache que sou louco. Agora você vai entender que eu sou apenas uma das muitas vítimas incontáveis do demônio da perversidade.

Durante meses, planejei um assassinato. Rejeitei mil esquemas em que eu pudesse ser descoberto. Por fim, lendo alguns livros franceses, encontrei o relato de uma doença quase fatal que ocorreu com Madame Pilau, devido a uma vela acidentalmente envenenada. Essa ideia imediatamente despertou minha curiosidade. Eu sabia que minha vítima tinha o hábito de ler na cama. Eu sabia, também, que o apartamento dele era estreito e mal ventilado.

Não vou entrar em detalhes, mas foi bem fácil de eu entrar no seu quarto e trocar a vela que encontrei ao lado da cama por uma que eu mesmo fiz. Na manhã seguinte, ele foi encontrado morto em sua cama, e o veredito do legista foi: "Morte pela visitação de Deus".

Eu era o único herdeiro do seu patrim nio. Tudo correu bem comigo por anos. A ideia de ser descoberto nunca passou pela minha cabeça. Eu mesmo tinha descartado os restos da vela envenenada. Não deixei nenhuma pista que pudesse me incriminar. Havia dentro de mim um sentimento de satisfa o em meu peito por conseguir zelar pela minha segurança absoluta. Por muito tempo, eu me deleitei com esse sentimento. Isso me proporcionava um prazer real maior do que todas as riquezas mundanas resultantes do meu pecado. Mas de repente, lentamente, um pensamento assombroso foi despertado dentro de mim. Eu não conseguia mais me livrar dele se quer por um instante. Era como um zumbido em meus ouvidos me irritando dia e noite, mesmo me sentindo seguro.

Um dia, andando pelas ruas, comecei a murmurar:

- Estou seguro. Estou seguro. Se eu não confessar.

Um frio gelado se insinuava em meu coração. Eu reconhecia este ataque do demônio da perversidade. Sei que eu havia resistido fortemente aos seus ataques. E agora me sentia tolo o suficiente para confessar o assassinato do qual eu tinha sido culpado. Era como se o próprio fantasma daquele que eu havia assassinado acenasse para mim.

No início, fiz um esforço enorme para afastar esse pesadelo da minha alma. Caminhava cada vez mais rápido, com um desejo enlouquecedor de gritar em voz alta. Cada onda de pensamento que vinha, me dominava com terror! Eu sabia que eu estava perdido. Tentei acelerar o ritmo da caminhada. Passei como um louco pelas ruas lotadas. Por fim, as pessoas começaram a olhar com estranheza para mim e alguns começaram a me perseguir. Senti então que meu destino estava selado. Eu devia ter arrancado minha língua. Teria feito isso, mas uma voz áspera adentrava em meus ouvidos. Um aperto forte me agarrou pelos ombros. Estava ofegante. Por um momento, experimentei todas as dores do sufoco. Fiquei cego, surdo e tonto. E então, algum demônio invisível me atingiu com sua palma larga nas costas. O segredo há muito aprisionado foi libertado da minha alma.

Dizem que eu falei em alto e bom som, aquelas frases que me entregaram ao carrasco e ao inferno. relatei tudo àqueles que me perseguiram e então desmaiei. Não sei mais o que dizer. Hoje eu estou preso a essas correntes. Estou aqui. Mas e amanhã? Onde estarei?

A close-up photograph of a hand holding a lit candle. The hand is positioned in the lower half of the frame, with the fingers wrapped around the candle. The candle is lit, and a bright flame is visible at the top. The background is dark and textured, with some small white specks. The lighting is warm, coming from the candle, casting a glow on the hand and the surrounding area.

O conto “O demônio da perversidade”, publicado pela primeira vez em 1845 é um relato que de um personagem com tendências autodestrutivas. Foi uma tentativa de conceituação inicial do subconsciente e da repressão, que só viriam a ser teorizados algumas décadas depois por Sigmund Freud.